
INTERAÇÕES COM PESQUISADORES E PESQUISADORAS E SUAS TRAJETÓRIAS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Anderson Ferrari¹

Andreia Rezende Garcia-Reis²

Resumo: Este artigo se propõe a refletir sobre o potencial formativo de interações promovidas entre pesquisadores e pesquisadoras e suas trajetórias de pesquisa em Educação ou em áreas a ela relacionadas. Sua elaboração se deu a partir de uma disciplina eletiva do Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF, a Seminário Permanente de Pesquisa, ministrada pelos autores deste artigo ao longo do ano de 2019, em que promoveram encontros entre pesquisadores com doutorado concluído e discentes cuja pesquisa de mestrado ou doutorado estava em curso à época. A partir das interações semanais entre esses sujeitos, observamos a potencialidade das experiências compartilhadas, o papel fundamental dos processos linguageiros ali empreendidos (BRONCKART, 2006) e a relevância do compartilhamento das vivências (VIGOTSKI, 2010) de pesquisa para a construção de novas trajetórias dos recém ingressos num programa de pós-graduação.

Palavras-chave: Pesquisa em educação. Formação do pesquisador. Interações formativas.

Introdução

Este texto tem como principal objetivo refletir sobre o potencial formativo de interações promovidas entre pesquisadores e pesquisadoras e suas trajetórias de pesquisa no campo da Educação, considerando-o como um campo diverso e ao mesmo tempo complexo, assim como o fenômeno educativo. Nesta linha de debater as possibilidades de pesquisa na educação e também reafirmando a riqueza e diversidade deste campo de conhecimento, Marisa Vorraber Costa (2002) vai afirmar que nos últimos anos “estamos começando a trilhar novos e diferentes caminhos” que têm como efeito a necessidade de reconhecermos que “enfrentamos, nos últimos 20 anos, um questionamento radical das concepções epistemológicas norteadoras da produção de conhecimentos nesse campo do social” (COSTA, 2002, p. 14). Esse contexto de questionamento e de mudança nas pesquisas tem nos provocado a pensar a produção de conhecimento como prática social, resultado de construção coletiva e entendido como processo histórico, enfim, como algo que se realiza em meio a trocas, diálogos, escuta e aprendizados. Foram esses princípios que estiveram presentes nas interações que aconteceram ao longo do ano de 2019, na disciplina Seminário Permanente de Pesquisa, uma disciplina eletiva do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, cujo autor e autora deste texto foram os/as docentes ao longo daquele ano.

¹ Professor Associado do Departamento de Educação da UFJF. aferrari13@globo.com

² Professora Adjunta do Departamento de Educação da UFJF. andreiargarcia@yahoo.com.br

A proposta da disciplina é promover a interação dos e das discentes do programa matriculados, tanto os/as de Mestrado quanto os/as de Doutorado, com diferentes perspectivas e trajetórias de pesquisa no campo da Educação, por meio da presença de pesquisadores e pesquisadoras nas aulas em que relatam suas trajetórias, mediadas por um texto base indicado para leitura anterior dos/das discentes e dos/das docentes e pela posterior interação entre os/as presentes nas aulas. Após um ano de ricas experiências com esses encontros, organizamos este volume da Revista Práticas de Linguagem com os relatos acadêmicos, artigos e ensaios de alguns dos pesquisadores e das pesquisadoras convidados e convidadas.

Em seguida a esta Introdução, este artigo discorre sobre a história da disciplina Seminário Permanente de Pesquisa, seus objetivos e organização; na seção seguinte, refletiremos sobre o potencial formativo das interações em espaços educacionais entre pesquisadores e pesquisadoras iniciantes e pesquisadores e pesquisadoras com trajetória mais alargada; em seguida, apresentaremos os textos produzidos pelos pesquisadores e pesquisadoras convidados e convidadas; para finalizar, tecemos algumas considerações finais a que chegamos com esta experiência de diálogo e aprendizagem.

1 A disciplina Seminário Permanente de Pesquisa

Foi o potencial formativo, como já foi ressaltado na Introdução, que está na origem dessa disciplina. Com isso queremos dizer que a disciplina Seminário Permanente de Pesquisa tem uma história, resultado de uma constante problematização sobre seus objetivos, metodologias e efeitos. Podemos dizer que ela tem uma origem e uma trajetória, mas jamais podemos afirmar que ela está definida ou mesmo concluída. sequer podemos garantir que ela se repete ou que será a mesma. Ao assumirmos essa disciplina em 2019, nos colocamos nesta história, da mesma maneira que somos herdeiros e atravessados por ela, pelo que já aconteceu antes e que se fez presente nas nossas decisões. Assim, recuperar a história de constituição de uma disciplina pode explicar muito mais do que se imagina sobre os desafios e potencialidades que envolvem o trabalho dos professores e das professoras, além dos sentidos de formação em que ela investe, sobretudo em se tratando de uma disciplina num Programa de Pós-graduação, que se renova a cada ano, com um rodízio de professores e professoras responsáveis por sua reformulação e condução. No entanto, um consenso parece se manter ao longo da existência desta disciplina, que é sua vinculação com a divulgação e compartilhamento dos caminhos investigativos de pesquisadores e pesquisadoras que já passaram pelo Mestrado e pelo Doutorado. Nossa aposta é que ouvir e socializar os percursos investigativos, com seus percalços, mudanças de rumos, definições de perspectivas teórico-metodológicas e achados é parte importante na constituição dos pesquisadores e pesquisadoras. Estar no Mestrado e no Doutorado não é fazer um curso, mas sim constituir-se como pesquisador e pesquisadora no

campo da Educação. Neste sentido, uma disciplina Permanente de Pesquisa tem um propósito que diz de sua historicidade, diz das suas continuidades e descontinuidades que marcaram sua trajetória e que revelam uma compreensão mais clara do que investimos no que diz respeito à formação.

Thais Nívia de Lima e Fonseca (2003) interessada na história do ensino e, principalmente, na história das disciplinas escolares, nos convida a pensar como os processos de constituição, transformação e consolidação de “saberes antes restritos ao âmbito da produção científica, ou próprios de outras dimensões da vida social - como a profissional, por exemplo” - acabam se tornando saberes e se tornando disciplinas (FONSECA, 2003, p. 9). Reflexões que nos aproximam da origem da disciplina Seminário Permanente de Pesquisa, que surge em 2005, com o formato de seminário e com o nome de “Segunda na Pós”. Naquela ocasião, a intenção era construir um espaço em que pudéssemos compartilhar experiências de pesquisa, estabelecendo um vínculo mais próximo entre a Pós-graduação, a escola básica e a comunidade. O propósito era ampliar os efeitos da produção científica a partir da socialização das pesquisas, reunindo professores e professoras do Programa de Pós-graduação, da escola Básica, mestrandos e mestrandas, doutorandos e doutorandas. Não se tratava ainda de uma disciplina, embora já contasse com os aspectos que poderiam caracterizá-la como tal: um “conjunto de conhecimentos identificados por um título (...), dotado de organização própria (...) com finalidades específicas ao conteúdo de que trata e formas próprias para sua apresentação” (FONSECA, 2003, p. 15). Em certa medida, a organização como seminários, não obrigatórios, mantinha uma liberdade que agradava e que servia ao propósito de compartilhar as pesquisas de maneira mais leve, como uma roda de conversa, um diálogo em que os participantes e as participantes eram convidados e convidadas a pensarem outras possibilidades de investigação, incitados e incitadas a traçar articulações com suas realidades profissionais e cotidianos escolares, provocados e provocadas a falarem e trazerem suas experiências e reflexões a partir do que estava sendo discutido. Como nos lembra André Chervel (1990), as disciplinas surgem como criações espontâneas e originais de um sistema de educação. Com a disciplina que estamos tomando como objeto de análise neste texto não foi diferente. Segundo Clareto (em entrevista recente aos autores deste artigo),

Não era exatamente dar um seminário, era organizar. Eu fazia essa organização. Então a gente fazia ali na sala Paulo Freire e a gente fazia uma programação do mês e encaminhava para as escolas, para o PPGE... e tinha pouca gente participando. (...) Dependendo do dia, até que tinha mais gente. Mas aí o colegiado do PPGE achou que valeria a pena tornar uma disciplina para chamar mais pessoas. No meu entendimento sincero, eu acho que descaracterizou completamente... quando tornou disciplina, ela descaracterizou um pouco, ela é aberta, mas você, assim, não faz uma divulgação, né? Não sei, mas acho que a gente não faz uma divulgação da programação. A programação passou a ser um pouco mais voltada para os discentes, digamos assim. E lá a ideia é essa, apresentar os trabalhos em andamento. Eu gosto bem, eu acho que essa disciplina é muito, muito interessante

e se ela fosse mais aberta poderia abranger mais ainda (Profa. Sônia Clareto, atual coordenadora do PPGE e docente do programa desde 2003).

A professora Sônia Clareto, atual coordenadora do PPGE, foi a primeira docente a trabalhar com a experiência dos seminários da Segunda na Pós, uma experiência que antecedeu a criação da disciplina “Seminário Permanente de Pesquisa”. Ao ser perguntada sobre as origens da disciplina, ela nos conta de duas preocupações que caracterizavam os seminários: a organização e a divulgação de uma programação. A função do docente não era propriamente a de oferecer um seminário, mas de organizar um conjunto de apresentações a partir de uma certa coerência capaz de conferir um corpo temático ao seminário e divulgar essa programação com a intenção de atrair professores e professoras interessadas nos temas e nos procedimentos de pesquisa. Posteriormente, o seminário se transformou em disciplina regular. Uma mudança advinda do PPGE e que nas palavras da professora Sônia Clareto “descaracterizou um pouco”, já que apesar de continuar aberta, não havia mais uma divulgação e, por consequência, uma maior participação de outras pessoas a não ser discentes do próprio PPGE. Mudanças nas disciplinas são processos comuns e fazem parte da configuração dos programas de Pós-graduação no seu exercício constante de avaliação e aperfeiçoamento das suas ações e finalidades. As mudanças operam com as continuidades e descontinuidades e, assim, vão escrevendo a história não somente da disciplina, mas do próprio Programa de Pós-graduação.

Ao se tornar uma disciplina regular, mesmo que eletiva, ela se limitou à participação de profissionais da educação que estejam matriculados no Mestrado ou no Doutorado. No entanto, ainda hoje, esse princípio que estava na sua origem permanece presente e sempre buscamos renová-lo, considerando que a presença desses profissionais é bem-vinda e representa uma diversidade de experiências que promove constantemente o debate em torno da educação. Mais do que isso, manter a disciplina aberta também diz do nosso compromisso com a comunidade no sentido de socializar e divulgar a produção acadêmica. Os esforços para a continuidade desse caráter aberto da disciplina se concentram no convite a pesquisadores e pesquisadoras de fora da UFJF e mesmo do campo da Educação, para falarem de suas pesquisas. Assim, se há uma descontinuidade com relação ao público alvo, há uma continuidade no que diz respeito ao procedimento adotado. Ainda hoje, a disciplina se caracteriza por sua organização em apresentações de trajetórias de pesquisa que sigam uma linha condutora.

Em 2019, nossa organização se pautou em três aspectos que ressaltávamos quando estabelecemos os convidados e as convidadas. Um primeiro aspecto era que fizessem uma articulação entre a pesquisa e suas trajetórias pessoais e acadêmicas, de maneira que os alunos e as alunas percebessem com se encontram pesquisa e vida. Como surge o tema de pesquisa? Em que

campo problemático de investigação a pesquisa se constrói? Guacira Lopes Louro, num artigo intitulado “Conhecer, pesquisar, escrever...”, argumenta que é importante “ter sempre em mente que a forma como se escreve (ou se fala) está articulada, intimamente, à forma como se pensa e se conhece” (LOURO, 2007, p. 236). Com isso, a autora quer chamar atenção para que as nossas pesquisas nascem da gente, têm uma história e, portanto, voltam para a gente, dizem da gente. Por isso, acreditamos que iniciar a fala sobre um tema a partir do seu nascimento e que os ouvintes e as ouvintes percebam como os incômodos e as inquietações conduziram a elaboração de uma pesquisa era um investimento importante para nós e que dialoga com os objetivos da disciplina, como por exemplo, construir pontes entre os participantes da disciplina a partir das trajetórias de investigação. O segundo aspecto era que tratassem das perspectivas teórico-metodológicas que orientaram a pesquisa. “Uma metodologia de pesquisa é sempre pedagógica porque se refere a um *como fazer*, como fazemos ou como faço minha pesquisa” (MEYER & PARAÍSO, 2012, p. 15). Com essa afirmação, Dagmar Meyre e Marlucy Paraíso (2012) defendem que uma metodologia é sempre pedagógica porque “se trata de uma condução”, ou seja, ela responde à pergunta de como conduzimos nossas pesquisas. Esse aspecto também considerávamos importante para um debate e para a constituição de uma disciplina que tem sempre um caráter pedagógico, visa sempre ensinar algo. O terceiro aspecto dizia dos caminhos e dos achados da pesquisa. O que apostamos com esse aspecto era de que mais potente do que os modos de pesquisar são os caminhos percorridos, os percalços que nos obrigam repensar e traçar novos rumos, procurar outras saídas, estranhar o que já sabíamos, suspender os juízos, questionar nossas verdades, desconfiar dos nossos procedimentos, enfim, inventar o que não tínhamos previsto.

Além da conversa com a atual coordenadora do programa, quisemos prolongar o diálogo e ouvimos uma das alunas da disciplina, que nos relatou:

Falar da disciplina Segunda na pós é dizer de uma experiência muito significativa enquanto aluna do programa. Quando ingressamos num Programa de Pós-graduação de uma universidade federal estamos cheios de expectativas, ansiosos com o que vamos encontrar. E a disciplina Segunda na pós foi a oportunidade de conhecer o trabalho de outros pesquisadores, conhecer um pouco sobre diferentes metodologias, conhecer sobre o diálogo com diferentes autores, mas para além disso, foi a oportunidade de entender melhor os caminhos percorridos pelos pesquisadores para a construção da pesquisa. Foi fundamental ouvir aquelas pessoas que já haviam passado, experimentado aqueles sentimentos que estávamos vivenciando naquele momento. Saber que o medo, a angústia, a insegurança, mas também a felicidade, a curiosidade eram sentimentos compartilhados por todos ali naquela sala. Fez emergir o sentimento de que somos capazes sim de alcançar nossos objetivos, de trilhar nosso próprio caminho na pesquisa. Eu acredito que, sem dúvida, a disciplina Segunda na pós permitiu um olhar mais generoso para a minha pesquisa e para mim mesma. Eu consegui entender como o pesquisador vai se construindo e que isso não é tarefa fácil, mas que é possível, e compartilhar essa experiência com as outras pessoas torna esse caminho muito mais leve (Mestranda Thamires).

A mestranda Thamires ainda mantém a referência à disciplina como “Segunda na pós”, o nome originário da disciplina, algo comum entre os alunos e as alunas e até mesmo entre professores e professoras. Além de nos mostrar como a disciplina tem uma história que insiste em se fazer presente, Thamires nos diz do seu processo de constituição de pesquisadora a partir de alguns pontos que a marcaram: a experiência, o conhecimento, o diálogo, os sentimentos e um olhar para si e para sua pesquisa.

Segundo Michel Foucault (2014), somos sujeitos de experiência. Interessado nos modos de subjetivação, ou seja, como nos tornamos o que somos, o filósofo francês vai se debruçar em investigações que digam das práticas de subjetivação, ou seja, o que elegemos para falar de nós mesmos? Que práticas nos marcaram, se constituíram em experiências, que somos capazes de selecionar para falar de nós mesmos? Em se tratando de um Programa de Pós-graduação, que práticas se constituíram como experiências para os alunos e para as alunas? Thamires classifica sua passagem pela disciplina como “uma experiência muito significativa” do seu processo de constituição como pesquisadora. Algo que ela já esperava ao fazer parte de um Programa de Pós-graduação, de maneira que Thamires não fala somente da marca da disciplina, mas do Programa, reconhecendo os efeitos dessa formação na pesquisadora.

A experiência está diretamente atrelada ao conhecimento. Thamires consegue olhar para a experiência vivenciada na disciplina como um todo, não somente pelo viés do conhecimento acadêmico, aquele que se aprende pela trajetória e discussão teórica com os autores e autoras, mas também uma experiência que diz do compartilhamento dos sentimentos. A discente parece assumir a provocação de Jorge Larrosa (2002) e pensar a educação não pelo “ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática” (LARROSA, 2002, p. 20), mas sim “pensar a educação a partir do parexperiência/sentido” (LARROSA, 2002, p. 20). Essa é a nossa aposta na disciplina, que ela seja capaz de construir uma mudança naqueles e naquelas que passam por ela, sobretudo, que essa mudança faça parte do processo de constituição como pesquisadores e pesquisadoras. Portanto, nossa aposta está no entendimento da formação do pesquisador e pesquisadora pelo diálogo, pela troca, pelas experiências de falar e escutar.

2 Formação de pesquisadores num processo interacional

O princípio de formação de pesquisadores e pesquisadoras numa perspectiva interacional nos convoca a estarmos atentos e atentas a nossas escolhas disciplinares, pedagógicas, acadêmicas e administrativas, uma vez inseridos e inseridas num programa de pós-graduação em educação. Acreditar que a pesquisa requer de nós o alargamento de nossos olhares, a abertura ao outro e a disponibilidade para os encontros têm nos ajudado a construir este programa, que este ano de 2020 completa 26 anos. Por outro lado, a formação de pesquisadores e pesquisadoras em educação

requer também o compromisso e a responsabilidade social e política com a transformação permanente dos conhecimentos coletivos e individuais, ou seja, com o desenvolvimento social e também com o das pessoas individualmente (BRONCKART, 2006).

Resta-nos compreender como as Ciências da Educação podem contribuir para responder às demandas deste nosso tempo, na construção de um presente e de um futuro pensado à luz de valores verdadeiramente humanos, contrários à lógica dos imperativos capitalistas e individualistas que atualmente estão colocados. Nesse sentido é que valorizamos as interações entre pesquisadores e pesquisadoras em educação, num frutífero movimento de formação e desenvolvimento. Ao apostarmos no diálogo como possibilidade formativa, ressaltamos o papel da linguagem produzida pelos sujeitos participantes de uma interação, uma vez que ela não é assumida aqui como a expressão dos sentimentos ou pensamentos, mas como “o instrumento fundador e organizador desses processos [percepção, cognição, sentimentos, emoções], em suas dimensões especificamente humanas” (BRONCKART, 2006, p. 122). Assim, as produções languageiras nos encontros formativos possuem, por sua vez, também, um caráter altamente formativo, para todos os participantes, tanto para os pesquisadores e pesquisadoras mais experientes quanto para aqueles recém ingressos e ingressas no programa, por meio das trocas das experiências vividas.

Assim como ocorre nas produções textuais e nas atividades de trabalho, por exemplo, temos parâmetros sociais e sociosubjetivos a serem reconhecidos previamente à produção do texto e à atividade a ser realizada. Com as situações de pesquisa não seria diferente. As definições de que programa submeter o projeto, para qual orientador, quais escolhas teórico-metodológicas assumir, como acessar o campo de pesquisa, quais disciplinas cursar, entre outros aspectos não são aprendizagens já consolidadas quando os estudantes ingressam em programas de pós-graduação. Há a necessidade de se inserir neste contexto e de aprender com aqueles sujeitos mais experientes, cuja trajetória de pesquisador seja mais alargada. Assim, acreditamos num processo de interação formativa que possibilite a adoção de procedimentos e práticas já consolidadas, num movimento de adaptação, mas também de recriação e reconstrução dos parâmetros inicialmente encontrados, num processo histórico de criação de novos hábitos, práticas e comportamentos.

Para Vigotski (2009), a possibilidade de criação está essencialmente ancorada nas experiências. Para o autor, há quatro formas de relação entre a atividade de imaginação e a realidade e duas delas nos chamam a atenção especialmente ao elaborarmos este texto: uma delas é a possibilidade de criação a partir da experiência alheia, que chega a nós por meio da linguagem; a outra é de caráter emocional, pois reconhecemos que os elementos afetivos, como sentimentos e emoções, interferem em nossa relação com a realidade.

A partir de então, passamos a valorizar as experiências compartilhadas numa situação de interação entre sujeitos, em que tais experiências foram reelaboradas pela linguagem e

possibilitaram que a experiência vivida tornasse um meio de viver outras experiências (CLOT, 2010). As experiências de relatar as trajetórias e percursos de pesquisa vivenciados constituíram-se em novas experiências aos autores e autoras e, também, aos demais participantes da situação interacional nos encontros da Segunda na pós, possibilitaram a apropriação da experiência alheia, ou social, promovendo a imaginação e criação.

Ainda, na relação cujo caráter é emocional, trazemos à reflexão de que nossas emoções e sentimentos são diversos em diferentes situações e interferem em nossas impressões das coisas e do mundo. Num contexto de pesquisa e de elaboração de tese ou dissertação, por exemplo, sabemos que muitas preocupações nos ocorrem, muitos sentimentos alimentados antes do ingresso não estarão mais presentes após sermos efetivamente discentes, as atribuições profissionais e pessoais são concorrentes às atribuições da pesquisa, sobretudo quando temos prazos a cumprir e tarefas a darmos conta.

As apresentações e intervenções dos pesquisadores e pesquisadoras convidados e convidadas para os encontros dos seminários de pesquisa revelaram o quanto a trajetória de pesquisa, assim como a vida, não segue um fluxo linear, ao contrário, possuem tropeços, inseguranças, retomadas, paradas para novas reflexões, mudanças no curso inicialmente proposto. Encontra-se com essas vivências dos convidados e convidadas foi, de certa forma, muito importante para os pesquisadores e pesquisadoras mais iniciantes, pois puderam compartilhar também as suas dúvidas, incertezas e angústias, e perceberem que esses sentimentos compõem os percursos de pesquisa daqueles que se propõem atuar como pesquisador na campo educacional.

Na próxima seção, apresentaremos os textos que compõem este volume da Revista Práticas de Linguagem para, em seguida, tecermos algumas considerações finais deste trabalho a que nos propomos.

3 Os textos escritos pelos pesquisadores a partir dos reencontros com suas trajetórias

Nesta seção, apresentamos os textos deste volume da Revista Práticas de Linguagem – Núcleo Fale/Faced/UFJF. Eles foram produzidos a partir do convite aos pesquisadores e pesquisadoras para o diálogo sobre suas trajetórias profissionais, pessoais e de pesquisa na disciplina Seminário Permanente de Pesquisa, do PPGE/Faced, ao longo do ano de 2019. Nos encontros, as conversas foram guiadas por orientações feitas pelos professores e professoras responsáveis aos convidados e convidadas, segundo as quais deveriam abordar seu percurso profissional, pessoal e de pesquisador, relacionando tal percurso com o campo da Educação. Em seguida, foram convidados e convidadas a escrever um texto – que poderia ser um artigo, um relato acadêmico ou um ensaio – a partir da apresentação oral e dialogada realizada no encontro presencial. Os textos compõem este volume da Revista e são brevemente apresentados a seguir.

No relato acadêmico *Formação de professores e formação da professora: percursos de pesquisa e de vida*, Laura Silveira Botelho apresenta o entrecruzamento entre sua trajetória acadêmica, profissional e pessoal, evidenciando os impactos em seu processo de desenvolvimento e em suas escolhas de docente universitária. A pesquisadora cursou mestrado e doutorado em Linguística e pode, sobretudo no doutorado, realizar uma pesquisa sobre os letramentos acadêmicos e suas interseções com o processo educacional e com a identidade docente.

Rafaela Reis Azevedo de Oliveira, autora do texto *Judicialização da Educação: resultados de uma trajetória de pesquisa que entrelaça as Ciências Sociais e a Educação*, nos convida a uma reflexão sobre os processos de judicialização na área da Educação, sobretudo no município de Juiz de Fora. A autora relata sua trajetória com ênfase em suas escolhas, lugares percorridos, projetos e pesquisas dos quais participou e inquietações surgidas ao longo de dez anos, em sua formação de professora universitária e pesquisadora de ensino de sociologia. Suas pesquisas de mestrado e doutorado, ambas realizadas no PPGE-UFJF, buscam investigar os processos de judicialização em educação, amparadas no direito à educação e relacionadas às políticas públicas, às reformas educacionais e curriculares.

No artigo de Sebastião Gomes de Almeida Júnior, intitulado *Vivências em cibercultura por adolescentes: uma pesquisa com estudantes da rede municipal de ensino Juiz de Fora – MG*, o pesquisador e professor da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora esteve com 12 adolescentes de 4 escolas municipais com o objetivo de compreender de que modo esses jovens se constituem na apropriação de instrumentos e signos culturais, em meio às redes sociotécnicas da atualidade. Adotando a perspectiva histórico-cultural, a pesquisa assume o conceito de vivência com bastante relevância e também que a constituição dos sujeitos se dá numa dada sociedade e cultura.

Em *Entre fios e cortes: a pesquisa como processo vivido em alinhavado teórico-metodológico*, Juliana Maddalena Trifilio Dias apresenta sua trajetória de pesquisa e revela o quanto esse processo não é linear, mas construído no caminho. A pesquisadora elabora seu memorial de pesquisa a partir de metáforas da costura, do fiar, do tecer, trazendo questionamentos e revelando a beleza e a intensidade da pesquisa em ciências humanas, com rupturas e pausas necessárias. O projeto, o exame de qualificação, a tese... são alguns dos textos e das situações abordadas pela autora ao longo da trajetória relatada.

Francione Oliveira Carvalho também esteve presente nessas interações entre pesquisadores e suas trajetórias e contribui neste volume da Revista com o texto *Territórios da investigação: fronteiras que convergem o olhar*, um relato acadêmico a partir do qual os leitores terão acesso aos locais percorridos, bem como às vivências e às escolhas do pesquisador. Segundo o autor, os lugares de onde viemos e escolhemos estar, a adoção teórico-metodológica e os caminhos por ela indicados, interferem em nosso olhar em direção ao mundo, aos fatos e aos fenômenos a serem investigados.

Dentre os convidados e as convidadas para as interações conosco, tivemos a presença de egressos do Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF, e uma delas foi a pesquisadora Luciana Castro, também professora da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora. No artigo *Trajétorias de uma pesquisa de política de formação docente*, a autora tece reflexões sobre uma importante política de formação docente: o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, e, a partir delas, propõe um diálogo com os professores formadores, coordenadores e uma secretária de Educação deste programa financiado pelo Ministério da Educação na segunda década dos anos 2000.

É a Educação Infantil com sua potencialidade de socialização e desenvolvimento da personalidade que é o foco de análise do artigo de Marcos Chica Díaz intitulado *Primeros encuentros sociales em Educación Infantil*. Com um olhar atento para a Educação Infantil como um dos primeiros espaços de socialização, o autor espanhol argumenta que esse espaço-tempo é fundamental para uma aprendizagem significativa dos alunos e alunas. Com isso, o texto estabelece uma ligação com a formação docente, já que ao ressaltar as potencialidades desse nível de escolarização, também coloca o desafio para professores e professoras no sentido promoverem diferentes momentos de encontros na Educação Infantil.

Assumindo a dimensão de uma narrativa biográfica, Mylene Cristina Santiago constrói um texto em que não somente recupera sua trajetória acadêmica, mas que também serve para se afirmar como uma pesquisadora em eterna construção. *Trajétoria de pesquisa: a autobiografia como experiência formativa* se constitui, assim, como um texto provocativo para os leitores e leitoras pensarem seus processos formativos como aqueles que nos tiram do lugar, nos convidam a nos colocarmos em movimento, a pensarmos nossos diálogos com diferentes grupos em que nos associamos.

Margareth Aparecida Sacramento Rotondo também foi outra pesquisadora que assumiu o desafio proposto pelo convite em estar na disciplina a partir de uma certa recuperação e ressignificação de sua trajetória docente. Assumido essa proposta, a pesquisadora escreve *Pesquisar: um emaranhado no entre da formação de professores e professoras, produção matemática e políticas cognitivas*, um texto em que se coloca em movimento para problematizar um “como”, um modo de como se põe a funcionar e como se opera um processo formativo em pesquisa.

O modo como uma professora/pesquisadora se constitui e exerce seu ofício também é o propósito do texto *Encontros na oficina de uma historiadora*, da professora/pesquisadora Maria Zélia Maia de Souza. As reflexões partem do campo da História da Educação para voltar a ela para colocar em discussão os sentidos da escola hoje. Organizado em três momentos, o texto vai do encontro motivador da pesquisa às escolhas teórico-metodológicas para terminar com indagações sobre o ofício de uma historiadora da educação, sempre destacando a importância de se relacionar história e

vidas quando olhamos para a pesquisa e seus processos de formação de pesquisadores e pesquisadoras.

As narrativas como política do pensamento e, mais especificamente como política de pesquisa em educação em Ciências é o que nos traz Guilherme Trópia e Pedro da Cunha Pinto Neto em *Pesquisa em educação em ciências e perspectivas narrativas*. Defendendo que a escrita narrativa não significa a “verdade” do vivido, mas a produção de pensamentos possíveis em regimes de verdade, os autores defendem as narrativas como experiências educativas. As narrativas autobiográficas em educação em ciências são tomadas na sua potencialidade de inventar o vivido e, assim tomar esse vivido em meio aos jogos de produção do verdadeiro.

Encerrando nossa apresentação dos pesquisadores e pesquisadoras que compõem esse número da revista, temos Roney Polato de Castro, como o texto *Trajetórias de pesquisa, trajetórias de vida: experiência e constituição de um pesquisador*. Inspirado nos escritos de Jorge Larrosa e Michel Foucault, o autor elabora o conceito de pesquisa-experiência para pensar e problematizar a relação entre o seu processo de pesquisar e se constituir como pesquisador no campo da educação em relações de gênero, sexualidade e educação. A formação docente é tomada como formação-experiência e formação ética-estética-política.

Considerações finais

Sem dúvida, ter estado na condução e no planejamento da disciplina Seminário Permanente de Pesquisa do PPGE/UFJF nos possibilitou muitas aprendizagens e reflexões sobre os caminhos e a potencialidade das pesquisas no campo da Educação. Ouvir, conversar e dialogar com colegas pesquisadores cuja trajetória revela-se mais alargada, aprender com as perguntas e questionamentos de outros mais iniciantes e pensarmos em nossas próprias escolhas e caminhos percorridos foi muito enriquecedor em nossa formação de pesquisador e pesquisadora, com atuação hoje em uma universidade pública.

Em alguns dos encontros promovidos, tivemos a oportunidade de solicitar aos discentes da disciplina uma avaliação dos encontros e das estratégias que tínhamos adotado. Suas falas e contribuições eram de que tais interações estavam sendo extremamente ricas e importantes em suas trajetórias, num primeiro sentido, ao sugerir referências, indicar possibilidades metodológicas, ilustrar com uma questão de pesquisa, entre outros movimentos dos e das convidadas. Em outro sentido, os discentes relataram a percepção de que suas preocupações e inquietações também foram vividas por outros pesquisadores, que precisaram traçar outros percursos e aprender a construir retomadas e mudanças metodológicas, teóricas e também da própria escrita e elaboração do texto final.

Da nossa parte, continuaremos a investir em atividades de interação, sobretudo no campo da pesquisa em educação, pois acreditamos na potencialidade formativa e também interventiva que as vivências em linguagem podem nos oferecer.

Referências

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Tradução de Anna Raquel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Revista Teoria & Educação, n. 2, 1990.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. 1 ed. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IX**: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, Pesquisar, Escrever... **Revista Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, 2007.

MEYER, Dagmar Estermann & PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

VIGOTSKI, Levi S. **Imaginação e criação na infância**. Ensaio Psicológico – Livro para professores. Apresentação e comentários: Ana Luiza Smolka. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

_____. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 21, p. 681-701, 2010.